

Jacó Guinsburg: uma história de livros e de amizade

Lyslei Nascimento* entrevista Jacó Guinsburg**

Lyslei Nascimento: Estimado Professor Jacó, gostaria de começar nossa conversa, pedindo que avaliasse a importância da Torah e de sua sobrevivência na contemporaneidade.

Jacó Guinsburg: A Torah é o texto fundador não só do judaísmo, mas da civilização ocidental, com os relatos e os valores da mitologia grega. A partir desse substrato, que se baseia, portanto, em Jerusalém e em Atenas, desenvolveu-se uma cultura hoje global. A Torah contém não apenas os preceitos característicos da vida judaica, mas promove aqueles que são indispensáveis à vida ética de qualquer sociedade: dignidade do ser humano, convivência pacífica, solidariedade. Daí o seu caráter simultaneamente específico e universal. Teve ela, ainda, as funções históricas de construir o arcabouço da teologia entre os chamados povos do Livro, e de instigar, até hoje, o debate filosófico. A seu modo, a Torah escapa à degradação do tempo e, por isso, é eternamente contemporânea.

LN: Em sua opinião, qual seria o autor judeu que mais se ocupou, literariamente, do texto bíblico?

JG: Se estivermos considerando o termo “literariamente” em um sentido restrito como sinônimo de “ficção” ou “obra imaginativa”, há, na verdade, uma expressiva quantidade de autores judeus que beberam nas fontes bíblicas e em seus comentários talmúdicos. Pessoalmente, considero como representativas as obras de literatura ídiche de Scholem Ash e as hebraicas de Moshé Shamir, para não mencionar os autores judeus em outras línguas e literaturas que também se abeberaram naquelas fontes.

LN: Além do seu importante trabalho como tradutor e ensaísta, o senhor também escreve ficção. Quando foi sua estréia nesse tipo de produção?

JG: As minhas primeiras tentativas aconteceram numa idade muito jovem. Mas só por minha culpa ou timidez não as levei adiante; e não por outros compromissos diários de ordem pessoal, intelectual e “transcendentes” que aleguei para mim mesmo.

LN: Seu livro de contos, *O que aconteceu, aconteceu*, com humor e leveza, retrata, o ambiente do judeu vindo do leste europeu e encontrando, no Brasil, uma pátria estranha. O senhor diria que muito do que escreveu faz parte, também, de sua biografia?

JG: É verdade que muito do que escrevemos, literariamente, provém de nossa vida pessoal. Alguém já disse, a esse respeito, que todo livro é uma autobiografia. Mas a verdade é que apenas utilizei alguns dados biográficos para escrever *O que aconteceu, aconteceu*. Pois toda história que se deixa construir pela imaginação escapa ao real eventualmente acontecido. Os personagens ganham autonomia, as palavras sugerem situações e o autor acaba por submeter-se a um universo livre, a uma realidade-fictícia, que talvez explique com mais intensidade ainda aquela em que se baseia. Se esse autobiografismo aconteceu, aconteceu *malgré moi*.

LN: O senhor está à frente de uma das mais importantes editoras brasileiras. Fale-nos, um pouco, sobre a Perspectiva.

JG: Fundei a Editora Perspectiva com um grupo de amigos que acharam que eu devia continuar no campo editorial, quando sai da Difusão Européia do Livro. Eu havia trabalhado durante dez anos nessa editora. Anita Novinsky, Fany Kon, Anatol Rosenfeld, Isaac Naspitz, Amália Zeitel, Haroldo de Campos, Sábado Magaldi, Boris Schnaiderman e outros formaram o nosso primeiro Conselho Editorial. Nessa época, eu era professor da Escola de Arte Dramática e tinha um aluno chamado Moisés Baumstein, que se associou ao projeto. Posteriormente, pudemos contar com o apoio de José Mindlin e de Celso Lafer, entre outros.

LN: Quais eram, naquele momento, os principais objetivos da Perspectiva?

JG: Havia um propósito fundamental: o de difundir no campo das ciências humanas e, principalmente, da literatura e da arte, uma bibliografia de ponta, então pouquíssimo traduzida para o português. Foi o que fizemos e, em função dela, planejamos as coleções com as quais iniciamos nossa atividade. Havia, também, o desígnio específico de divulgar a cultura judaica no Brasil. Nada disso obedecia a qualquer ideologia política estrita e, sim, a um amplo objetivo cultural: publicar obras de importância nos vários domínios da criação e do conhecimento. Esse princípio continua válido em nosso trabalho e os livros

que editamos são, em geral, obras de qualidade e de referência. O mercado do livro era incipiente e, na época, estava ocorrendo uma transformação no terreno das publicações. Saímos à frente em algumas linhas: na teoria da literatura, da informação e da comunicação, na ensaística universitária da história e das artes, estivemos entre os primeiros. O mercado era restrito, mas a Perspectiva nunca pensou demasiado em termos mercadológicos - ela sempre pensou em termos culturais. Quando a obra satisfaz sob esse ângulo, desde que haja certa viabilidade, partimos para a edição. Julgávamos no início que haveria um mercado para o livro judaico, dadas as relações que esta comunidade mantém, tradicionalmente, com a cultura, com o livro, e dadas as necessidades de elementos dessa natureza para a alimentação de sua identidade.

LN: Sendo assim, como os estudos judaicos apareceram na Editora?

JG: O trabalho no campo do judaísmo fazia parte de meu currículo. Eu havia publicado na Editora Rampa muita coisa na área e, depois, fui responsável pela seção de Letras Judaicas no Suplemento Literário de *O Estado de S. Paulo*. Portanto, lançamos a Judaica na Perspectiva, vendendo-a em pagamentos parcelados. Ela não estava pronta, ia ser feita. Pode-se dizer até que nos foi dado certo voto de confiança por parte das pessoas que adquiriram a coleção. De nossa parte, cumprimos o compromisso à risca e, mesmo, aumentamos o conjunto com um livro a mais: a previsão inicial era de doze tomos e acabamos publicando treze, porque dividimos o volume destinado ao pensamento judaico em dois livros, *Do Estudo e da Oraçãõ* e *O Judeu e a Modernidade*. A repercussão inicial desvaneceu-se. Para continuarmos com a programação de obras judaicas procuramos apoios institucionais e obtivemos alguns à custa de esforços ingentes, pois falta um espírito mais esclarecido entre os dirigentes de nossa coletividade. Houve e ainda há um esforço de parte de algumas instituições educativas, mas as realidades são cruéis, esmagadoras, e acabam destruindo ou amortecendo os valores adquiridos em função de problemas de mentalidade, de ordem social, que surgiram por volta do anos 60 e têm se acentuado em pleno século XXI, tais como a revolta da juventude, a liberalização dos costumes, etc. O rapaz ou a moça foram à escola judaica porque o pai era judeu, tinham de ir, e depois não se lembram ou até gostariam de esquecer eventualmente do fato. Agora, têm outros valores e prioridades que acabam sufocando os elementos da especificidade cultural adquirida. Ser judeu passa a ser uma forma de identificação no momento em que se verifica uma agressão coletiva.

LN: Como o senhor avalia o contexto religioso hoje?

JG: Muitos procuraram uma resposta mais satisfatória no plano da religião: tem havido um *revival* religioso, vemos certos grupos "fundamentalistas" conquistarem adeptos numa escala que não era previsível há quarenta ou cinquenta anos. Nada disso, todavia, passa por uma resposta cultural especificamente judaica. Para mim, que sou um judeu laico, meu judaísmo passa pela cultura judaica. Para os que buscam formas mais existenciais, integrais, esta resposta intelectual talvez seja insuficiente ou complicada. A verdade é que a massa da coletividade cultiva um tradicionalismo "festivo", com um ou outro interesse específico. Não existe aquela identificação orgânica, imediata, que havia no antigo *ischuv*. Tudo isso diluiu o interesse por Peretz, Scholem Aleichem, Agnon e escritores contemporâneos. Editei um livro de Mosché Shamir, *o Rei de Carne e Osso*, que é um romance histórico belíssimo, dos melhores escritos pela chamada geração Sabra. Trata, o romance, da luta entre Alexandre Ianai e os fariseus. Traduzida por Alberto Guzik e por mim, eu a co-editei com as Pioneiras, há uns 20 anos. Em Israel, o romance fora um sucesso, mas aqui se vende de vez em quando um volume. E isso é válido para todo o restante das publicações judaicas no Brasil. A primeira estória de Bashevis Singer editada em português, fui eu quem a traduziu do ídiche, "O Judeu da Babilônia", numa coletânea impressa em 1948 e chamada *Jóias do Conto Ídiche*. Além de outros relatos de Singer também publiquei *Satã em Gorai*. Singer é um escritor muito atraente e acessível, por um lado, porém muito complexo, por outro, porque em essência suas criações tecem uma rede de referências sócio-psicológicas, histórico-culturais e religiosas que não pode ser menosprezada, para uma captação mais sensível do texto. O seu grotesco e as suas críticas são setas que vêm de bem fundo. As pessoas que o lêem encontram-se nas mãos de um mestre da narrativa, cujos motivos são tratados de forma aparentemente despreziosa, como quem se limita a contar um caso. Mas, sob a superfície da tradição religiosa, do hassidismo, da sociedade do *schtetl*, de uma pintura que pode parecer folclórica, está um ficcionista moderno e atrevido, com um

sorriso cínico, que aborda vivências psicopatológicas, eróticas, de personagens maquinados pelas repressões e recalques de proibições e tabus milenares. Por trás de sua obra está toda a cultura ídiche no seu momento mais fecundo: Mên dele, Peretz, Scholem Asch, I.I. Singer (grande romancista, irmão de Bashevis), o expressionismo judaico dos anos 20 e o *Literarische Farain* de Varsóvia, nos seus choques e conflitos. Como criador expressivo, ele ultrapassa as fronteiras do particular e alcança o universal. Bashevis Singer pode ser lido em qualquer idioma e o entendimento do leitor pode efetuar múltiplos recortes em sua obra. Mas há nele uma codificação do universo judaico em termos que passam, mas que não deveriam passar, completamente despercebidos à média dos leitores judeus atuais. Outra experiência: Agnon.

LN: Fale-nos, por gentileza, sobre Agnon...

JG: É o maior autor de língua hebraica de todos os tempos, em termos de ficção literária. Não houve outro ficcionista hebreu que tenha chegado ao refinamento, à destilação de elementos a que chegou o autor de *Tehila*. Indagações do ser e não ser e a intensa piedade embebida de interrogação e suspeita cética em face das incertezas da existência e da fé religiosa se fazem linguagem sutil que celebra e, ao mesmo tempo, suspende o universo da tradição, num estilo que a mimetiza e a rói por "dentro". Edmond Wilson disse com razão, quando Agnon ganhou o Prêmio Nobel, que ele era o romancista judeu que mais merecia a láurea, pela exemplaridade de sua obra. Nós o editamos por coincidência justamente na época em que lhe atribuíram o prêmio. Eu já havia organizado a coletânea de relatos que denominei *Novelas de Jerusalém* e aconteceu que logo depois a Academia Sueca o distinguiu. Em seguida foram editados mais alguns de seus relatos no Brasil. Recentemente ocorreu o centenário do nascimento de Agnon. O Centro de Estudos Judaicos da USP quis assinalar a data, mas não encontrou receptividade nas instâncias comunitárias. Infelizmente, essa é a nossa realidade. Quanto aos ecos jornalísticos e críticos, idem. Não houve, até 2007, uma manifestação sobre o conjunto da *Coleção Judaica*. Quando publiquei minha primeira coletânea, com Carlos Ortiz, a *Antologia Judaica*, diferentes artigos na imprensa ídiche, além da brasileira, registraram o fato e um grande conhecedor da literatura ídiche, Meir Kucinski, escreveu no *Naier Moment* criticando nossa escolha. Não concordei, mas era uma resposta viva. Havíamos adotado critérios amplos na seleção, a seu ver ecléticos, além dos limites do ídiche e do hebraico, na tentativa de abordar diferentes manifestações do judaísmo. Para Kucinski, incluir Bergson, por exemplo, constituía pecado capital, pois o filósofo havia se convertido durante a guerra, o que não invalidava o critério. Quando imprimi minhas primeiras raccoltas, *Jóias do Conto Ídiche* e os *Contos de I.L. Peretz*, a imprensa ídiche resenhava e discutia os livros. Isto em 1948 até 1955 aproximadamente. Mais tarde, quando comecei a publicar a *Judaica* o interesse quase desaparecera. Na realidade, houve umas poucas manifestações. De quem? De Anatol Rosenfeld e de Boris Schnaiderman, que eram meus amigos.

LN: Como o senhor avalia a recepção da *Judaica* hoje?

JG: Hoje, a resposta é imperceptível. Se lanço um livro como *A Religião de Israel*, de Kaufmann, obra básica de pensamento sobre judaísmo, ninguém abre a boca. De vez em quando, sai uma notícia, porque peço a algum amigo, em geral não judeu, para a estampar na imprensa. Há pessoas interessadas na temática, mas não existe vida cultural judaica. O caso de Gershom Scholem serve de exemplo. A muito custo conseguimos fazer sentir em nosso meio a relevância desse pesquisador. Hoje, quando sai uma obra sua as pessoas estão mais despertas. Scholem atrai por duas razões. Uma, é porque foi amigo de Walter Benjamin e, hoje em dia, qualquer intelectual que se preze sabe do ensaísta judeu-alemão cujas reflexões marcaram incisivamente as idéias do século XX e que Scholem foi um de seus principais interlocutores. Há, pois, um grande interesse pelos escritos de Scholem, na medida em que elementos de seu pensamento se entrelaçam com os de Benjamin. O outro motivo reside exatamente na vertente mística, no fascínio pela Cabalá, que naturalmente vai bater nas *Grandes Correntes da Mística Judaica*, livro por nós traduzido para o português e que, tirando *Sabatai Tzvi, o Messias Místico*, em preparo na Perspectiva, é certamente sua obra *princeps*. Publicamos também a *Cabala e o seu Simbolismo*, a autobiografia de Scholem, *De Berlim a Jerusalém*, bem como o livro que consagrou a Walter Benjamin, *A História de uma Amizade*.

LN: Qual é a importância de se editar Scholem no Brasil?

JG: Scholem merece essa divulgação, em que pese a recepção que sua obra tem tido no contexto específico da coletividade judaica. Quando lancei *De Berlim a Jerusalém* houve algum registro em órgãos comunitários. Mas nos demais nem isso houve. O silêncio foi total. Os livros caem como pedras em um abismo. A Perspectiva procura seus títulos no campo da crítica, da teoria e da pesquisa. Por isso o seu público é pequeno. De outro lado, é preciso dizer que temos cerca de 1000 títulos editados com mais de quatro milhões e meio de exemplares entre edições e reedições, e se não houvesse leitores, seria impossível chegar a essas cifras. Trazer Gershom Scholem para o português, divulgar sua extraordinária erudição e perspicácia científica, fazê-lo conhecido e as suas revolucionárias pesquisas só dão à nossa editora e a mim, particularmente, grande satisfação.

LN: E quanto à publicação de Martin Buber?

JG: No caso de Buber, com quem pudemos nos corresponder antes de seu falecimento, também fomos os primeiros a divulgá-lo no Brasil. Editamos suas histórias hassídicas com o título de *Histórias do Rabi*, como uma homenagem. O rabi é ele, porque suas narrações hassídicas constituem uma versão muito pessoal, em que Buber esboça os fundamentos de sua filosofia, da função dialógica na relação Eu-Tu-Isto, interpretação vivamente contestada por Scholem. Mas a antologia é magnífica. Além dessa coletânea, publicamos *Do Diálogo e do Dialógico, Sobre Comunidade*. O contato com Agnon não foi direto. Ele não havia recebido ainda o Nobel quando adquirimos, com a Schoken, os direitos para a publicação das *Novelas de Jerusalém*, título por nós inventado para simbolizar o foco de convergência de seu estro e de sua obra.

LN: Quais os autores brasileiros publicados pela Perspectiva?

JG: Em nosso catálogo, há muitos autores, sobretudo nacionais, com os quais mantivemos contatos pessoais e, às vezes, até relações de amizade. Entre eles, saliento alguns nomes que tiveram pelo menos um de seus livros editados originalmente pela Perspectiva: Haroldo de Campos, Sábato Magaldi, Augusto de Campos, Paulo Emílio Sales Gomes, Boris Schnaiderman, Benedito Nunes, Zulmira Ribeiro Tavares, Celso Lafer, Décio de Almeida Prado, Anatol Rosenfeld, entre muitos outros.

LN: Em que consiste, para o senhor, a literatura judaica?

JG: Esse é um problema crítico-histórico complexo, mas, basicamente, considera-se, sob esse nome, a literatura que foi produzida pelas grandes concentrações judaicas, geograficamente falando, lá onde houve espaços que se fizeram representar na produção literária de maneira maciça. A literatura ídiche é uma literatura judaica, a ladina também o é, a literatura hebraica obviamente é judaica, mesmo quando não focaliza temas específicos e, sim, universais. Ela está organicamente entrelaçada com uma língua que tem sido um dos principais traços de ligação dos judeus com o judaísmo, tanto na textualização religiosa, quanto na filosófica, bem como na poesia e mais recentemente na ficção em prosa. Mas só estes parâmetros não bastam. Devemos efetivamente aplicar outros, também, dadas as características históricas dos judeus e as condições em que viveram. Assim, temos obras literárias que, embora, não tenham sido escritas nos idiomas mais peculiares do grupo e não sejam frutos de suas elaborações mais típicas, devem ser reconhecidas necessariamente como judaicas. Não estou me referindo somente ao que foi realizado em ladino, cuja identificação é tão imediata quanto as outras duas expressões do judaísmo, nem ao alemão ou ao inglês. Entretanto, quando se pensa em uma obra como a de Moacyr Scliar, não há como deixar de afirmar que ela é judaica e brasileira ao mesmo tempo. Pertence à literatura do Brasil, mas nem por isso é menos judaica. O autor não só se assume como judeu, mas filia sua produção à sua identidade. Recorre deliberadamente a fontes e ao repertório literário de suas raízes. É compatível, pois, declarar que a sua obra traduz a presença, as formas de existência e os processos particulares de um segmento do judaísmo que é o judaísmo brasileiro. E ainda bem que ele o faz, para a maior glória do chamado "povo do livro". Por outro lado, não acho que tudo o que um judeu escreve deva ser considerado como literatura judaica: é preciso medir a inserção, objetivá-la segundo critérios. No caso, por exemplo, de Clarice Lispector, embora um de seus escritos apresente uma referência mais densa a elementos eventualmente judaicos, *A Hora da Estrela*, o conjunto de sua obra não é nem por implicação, nem necessariamente uma expressão literária judaica. Em Samuel Rawet, ao contrário, há uma relação explícita em alguns de seus relatos e uma análise crítica pode, talvez, encontrar outras relações com motivações judaicas no restante de sua ficção. É preciso estabelecer relações e não

definições. Vejo, por exemplo, uma vasta literatura judio-americana em língua inglesa. Ela existe porque há o propósito deliberado de fazê-la como tal. Não é possível dar uma resposta simplista ao problema e definir por um único paradigma a questão do que é a literatura judaica. Temos de pensá-la da seguinte maneira: há um tronco central, ou melhor, dois ou até três... Temos a literatura hebraica e a aramaica, a ídiche e a ladina. Há importantes e poderosos ramos que ladeiam esse tronco: a literatura judio-alemã, a americana, setores da literatura francesa e temos, hoje, na Argentina, uma literatura escrita em espanhol por judeus com temas judaicos específicos daquela comunidade. Há um fenômeno deste tipo também na literatura russa. Estes bolsões não podem ser colocados à margem daquilo que se poderia definir como literatura judaica. Excluí-los resultaria em uma abordagem não orgânica, porém dogmática. É o caso de Heine, por exemplo. O seu relato, *O Rabi de Bacherach*, não pertence só à literatura alemã, ele está endereçado inequivocamente ao leitor judeu, no seu sentido e na sua atmosfera. Vocês podem acusar-me de ecletismo, mas o meu conceito de literatura judaica no que diz respeito à sua definição é antes inclusivo do que exclusivo.

LN: O ecletismo das suas escolhas, no que diz respeito, às publicações vem, também, me parece, de uma coerência com a idéia que o senhor tem do que seria ser judeu hoje.

JG: Sim, é possível inferir daí o meu modo de ver, o meu modo de caracterizar o que chamo de judeu, de povo judeu, de religião judaica e de cultura judaica, como fatores (e ausência deles) co-presentes sob múltiplas formas e manifestações que constroem e delimitam o universo da cultura judaica. Não se trata de essência em alguma acepção metafísica. O judaísmo se define pelos judeus, e não ao contrário; isto é, por aqueles indivíduos que se apresentam como tais, que vivem, praticam ou cultivam de alguma maneira elementos daquilo que se denomina judaicidade. É uma gama muito ampla, porque se eu conceituar os judeus unicamente por seu ser religioso, estarei deixando de lado, hoje, um largo segmento de pessoas que se identificam com um judaísmo laico, não obrigatoriamente anti-religioso, e por aí se auto-identificam como judeus. Eu me considero judeu, vejo-me nesta perspectiva, e procurei, inclusive por minha atuação no jornalismo, no trabalho literário e cultural, afora o social, dar vazão a esta pertinência. Tenho escrito numerosos textos sobre o assunto e quando os elaboro, faço-o a partir de minha condição específica: a de um judeu não-religioso, que encara a qualificação do ser judeu não apenas como questão de anti-semitismo, de marginalidade ou não-aceitação pelo outro; mas também pela assunção da presença de certa tradição, de certos valores, de uma história grupal e de um modo de elaborar uma forma de viver relevante para mim e para os outros, exatamente na sua diferença.

LN: Muito obrigada, Professor.

(Colaboraram: Berta Waldman e Luiz Nazario)

* **Lyslei Nascimento** é Doutora em Letras pela UFMG, coordenadora do Núcleo de Estudos Judaicos, editora da *Arquivo Maaravi* e professora da Faculdade de Letras da UFMG.

* **Jacó Guinsburg** nasceu na Bessarábia, em 1921, e imigrou para o Brasil por volta de 1924. É tradutor de Diderot, Lessing, Nietzsche e outros tantos escritores. Como ensaísta, publicou *Stanislávski e o teatro de arte de Moscou*; *Leoni de'Sommi*: um judeu no teatro da renascença italiana; *Diálogos sobre teatro*; *Aventuras de uma língua errante*: ensaios de literatura e teatro ídiche, de 1996, (o mais importante estudo crítico sobre a língua e a literatura ídiche publicado na América Latina); *Stanislávski, Meierhold e Cia.*; *Da Cena em cena, O que aconteceu, aconteceu*, publicado em 2000, tematiza, entre outros elementos, a vida judaica dos imigrantes judeus no Brasil. Fundador e editor da Editora Perspectiva, Jacó Guinsburg destaca-se no cenário brasileiro como um dos seus mais brilhantes intelectuais. entre outros títulos. Professor de Estética Teatral e Teoria do Teatro da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, onde é Professor Emérito, desde 2001. Seu trabalho de ficção mais recente, *O que aconteceu, aconteceu*, publicado em 2000, tematiza, entre outros elementos, a vida judaica dos imigrantes judeus no

Brasil. Fundador e editor da Editora Perspectiva, Jacó Guinsburg destaca-se no cenário brasileiro como um dos seus mais brilhantes intelectuais.